

LITERATURA SURDA: A MANIFESTAÇÃO EXTERIOR DA IDENTIDADE

Jéssica Gabriela da Silva Penha¹

Resumo: O presente artigo busca analisar a manifestação da cultura/ identidade surda através das manifestações literárias, ressaltando a importância da Língua de sinais para estas produções e para o fortalecimento da identidade surda. Por longos anos os surdos foram lidos pela visão preconceituosa e minimalista do ouvinte, com todos os avanços identitários e constitucionais os que não ouvem conseguiram seu espaço, utilizando sua língua, que possui modalidade espacial- visual, para discutir subjetividades, política e produzir literatura. A literatura passa a ser chamada de literatura surda, pois possui como principal característica os elementos pertencentes ao universo surdo. Adaptações da literatura infanto-juvenil auxiliam os não- ouvintes no processo de aceitação da sua diferença e conscientização da cultura/ identidade, histórias como o Patinho surdo e a Cinderela Surda ilustram as dificuldades cotidianas dos surdos e reafirmam o desejo de reconhecimento destes indivíduos perante uma sociedade majoritariamente ouvinte. Para ser surdo não basta apenas não ouvir, é preciso defender uma ideologia, formar uma identidade que transforma o deficiente auditivo em um surdo consciente dos seus papéis para e na sociedade.

Palavras-chave: Literatura, Literatura Surda, Identidade, Libras, Surdo.

Durante muito tempo acreditou-se que o surdo era um deficiente físico e intelectual, incapaz de produzir e adquirir conhecimentos, um ser visto e analisado de maneira preconceituosa. Nas últimas três décadas muitas pesquisas rondaram as áreas da educação e da língua e proporcionaram uma investigação e uma discussão em torno da lingüística da língua de sinais, cultura e identidade surda. Essas discussões permitiram que uma nova concepção fosse criada em torno do mundo surdo. Hoje, já é possível perceber grandes conquistas, sobretudo no Brasil, das comunidades surdas em diferentes espaços. O reconhecimento da cultura surda e a legalização da língua de sinais brasileira foram exemplos dessas conquistas.

O movimento surdo, no final da década de 50 e início da década de 60, passou a criar estratégias para reafirmar e valorizar suas diferenças identitárias, culturais e lingüísticas, destacando que o principal ponto distintivo entre o surdo e o ouvinte era a Língua de Sinais. Contudo, por longas décadas a língua de comunicação do surdo foi

¹ Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Estudo de Linguagens. Email: gabriela.penha.gp@hotmail.com

vista como mímicas e gestos aleatórios que serviam apenas para transmitir mensagens de necessidades básicas. Com o surgimento dos movimentos e das escolas de surdos, a concepção em torno da língua espacial-visual do não ouvinte modificou-se e passou a ser vista e valorizada como um “sistema linguístico legítimo”. Embora as línguas de sinais sempre tenham existido em comunidades linguísticas de pessoas surdas, o reconhecimento político destas línguas é recente. Wrigley (1996) reporta Declarações da UNESCO, da Organização Mundial da Saúde (OMS), da Federação Mundial dos Surdos (World Federation of the Deaf – WFD) e do Encontro Global dos Especialistas (Global Meeting of Experts) sobre o status linguístico das línguas de sinais. Ele lembra que a UNESCO, apenas em 1984, declarou o seguinte: “(...) a língua de sinais deveria ser reconhecida como um sistema linguístico legítimo e deveria merecer o mesmo status que os outros sistemas linguísticos” (WRIGLEY, 1996, p. XIII).

Apesar das conquistas significativas, é claro e evidente, que os surdos ainda encontram grandes dificuldades em um mundo que é majoritariamente ouvinte. Por isso, há muito tempo, o surdo trava uma luta histórica, tentando fazer valer sua cultura e identidade, não só no espaço escolar/ universitário, mas, sobretudo em todos os outros espaços que ele ocupa. Muitos autores e estudiosos, surdos e ouvintes, dedicaram-se ao estudo das Línguas de Sinais e de suas mais diversas manifestações.

Sabe-se que em todas as culturas a literatura está presente, pois é ela que contribui para o desenvolvimento da imaginação, ajuda a contar histórias e permite a transmissão de elementos culturais para as gerações futuras. Por isso, mesmo sabendo que na cultura surda esse acesso ao mundo literário é um pouco escasso e difícil do que na cultura do ouvinte, os surdos também podem manifestar seu interesse e seu gosto pela leitura e nesta leitura estará expressa o grande ponto distintivo do surdo que é a língua de sinais (LIBRAS).

A produção literária surda revela, assim como em outras produções ouvintes, a identidade e o universo daqueles que não ouvem. Tendo em vista esta perspectiva, Lodenir Becker Karnopp, estudiosa e pesquisadora da área da Literatura e cultura surda, defende que a escola e o mundo têm que estar preparados para o surdo, mesmo que este seja minoria, pois este indivíduo é ativo e produtor de cultura. Muitos ouvintes se mostram desinteressados e completamente alheios às produções culturais destas minorias.

Karnopp (2006) afirma que pesquisas que objetivam registrar, escrever, filmar e divulgar a produção literária de surdos, encontram, em geral, os seguintes dilemas: as

dificuldades da tradução da experiência visual ou, talvez, o desconhecimento da língua de sinais e das situações cotidianas dos narradores, do significado de suas lutas, da sua língua, dos costumes e das situações bilíngues. Antes de qualquer desenvolvimento em torno do tema literatura surda, faz-se necessário um importante questionamento: O que é literatura? Segundo o crítico e sociólogo Antonio Cândido literatura é uma transposição do real para o imaginário por meio e através de uma estilização da linguagem, seja ela qual for. Antonio Cândido aqui não elegeu uma linguagem ou uma língua unificada, legitimada como majoritária. Pensando agora como Foucault e pensando nas funções catárticas e reveladoras desta escrita, desta literatura, é possível concluir que a literatura não é propriedade única e exclusiva da cultura ouvinte, muito pelo contrário a literatura serve a quem a ela recorrer. E o surdo descobriu isso, o surdo descobriu que suas mãos falantes podem estilizar esta língua que já transmite tantas coisas. É nesse contexto de revelação, de transbordar-se por meio de uma linguagem, de afastar ou revelar as sombras interiores que surge a literatura surda, a literatura produzida por surdos e para surdos. Uma nomenclatura que talvez soe preconceituosa, mas uma nomenclatura que representa o movimento, que representa a luta e que ressalta a olhos nus o grande traço distintivo daqueles que não ouvem: A SURDEZ. Sendo assim, a expressão “literatura surda” é utilizada para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Desta forma, Karnopp conceitua literatura surda como sendo:

“ [...] a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo lingüístico e cultural diferente.” (KARNOPP, 2006)

As primeiras manifestações da Literatura Surda não tinham representação escrita eram passadas e divulgadas de modo visual como afirma Águida Aparecida Gava da Universidade de Mato Grosso do Sul:

“Os primeiros esboços literários destinados à comunidade surda surgem timidamente e são passados de modo visual, sem registros escritos, e os gêneros preferidos eram as anedotas, piadas e histórias que retratam as questões de comunicação e aceitabilidade do surdo junto à sociedade ouvinte.” (GAVA, 2015)

Através das suas produções os surdos têm possibilidade de revelar-se ao mundo utilizando a sua língua materna como a língua de divulgação e expressão das suas obras, formando e reafirmando sua cultura e a sua identidade e trazendo as peculiaridades para

o universo literário. Desta forma, o surdo transforma-se em um sujeito ativo e participativo culturalmente.

AS DIFERENÇAS QUE IMPORTAM E QUE NOS CONSTITUEM, AS DIFERENÇAS QUE FORAM FORJADAS E QUE NOS EXCLUEM

Em seu texto “ O exterior” Roberto Corrêa Santos propõe uma certo abandono da noção de igualdade quando defende que: “ O tema humanista de que por dentro somos todos iguais [...] Abafa com o *slogan* da igualdade a grande força política da diferença- das diferenças que importam e que nos constituem e das diferenças que foram forjadas e que nos excluem” (SANTOS, 1999, p. 58). Analisando sob esta perspectiva o universo surdo e o ouvinte, é possível pensar nestas diferenças tão constitutivas e as mesmo tempo tão excludentes. Durante longos anos foi imposto ao surdo a prática da oralização, com o intuito de o aproximar do universo ouvinte, abandonando-se toda sua história e identitária e esquecendo-se da sua comunicação com as mãos, que por muitos anos foi anulada e silenciada por conta da prática da oralização imposta pela sociedade, pois esta não acreditava que esses indivíduos pudessem se comunicar por intermédio das mãos e com isso os forçavam a oralizarem por meio da repetição. Mediante esse fator, os surdos eram mantidos. Segundo Skiliar:

O oralismo é considerado pelos estudiosos uma imposição social de uma maioria lingüística sobre uma minoria lingüística. Como consequência do predominante dessa visão oralista sobre a língua de sinais e sobre a surdez, o surdo acaba não participando do processo de integração social. (SKILIAR, 1998)

A citação deixa explícito que o oralismo tinha a intenção de aproximar o ouvinte do surdo, mas sabe-se que no cotidiano isso não era vivenciado, pois grande parte dos surdos não conseguiam obter sucesso perante os ouvintes, sendo assim o surdo foi silenciado pela comunidade ouvinte, por não serem compreendidos.

Desta forma, ao mesmo tempo que a língua de sinais constitui o surdo, ressalta sua peculiaridade, este mesmo fator pode ser, e geralmente é, um fator excludente. A ideia de que todos são iguais cai por terra, quando se lê a adaptação do Patinho surdo e percebe-se que aquele Patinho não era igual a sua família de ouvinte, que a diferença na linguagem, na ferramenta que o insere no mundo, torna-o um Patinho deslocado e infeliz. E é exatamente isso que acontece com o surdo no âmbito social, ao mesmo tempo em que ele defende a Língua de sinais, que utiliza esta língua como produtora e

difusora da sua diferença, ele é refém da ignorância da cultura dominante que desconhece a língua e que, desta forma, não consegue absolver tudo o que está sendo transmitido, gerando um ciclo de exclusão.

Sobre as diferenças que foram forjadas em relação ao surdo está o fato de que a LIBRAS é um língua simplista e de que por isso a literatura produzida por essa língua também será simplista, que o surdo só é capaz de produzir piadas que só tem graça para o próprio surdo, de que a produção surda não pode ser chamada de literatura, já que, é um produção feita em uma língua que a maioria não tem acesso, que os grandes críticos literários não conhecem e por isso não conseguem emitir um juízo de valor. É preciso reconhecer que a literatura surda é uma literatura de catarse, com o intuito de externalizar uma realidade cultural abafada há séculos, que, inclusive as piadas consideradas menores, trazem em si uma carga cultural muito forte, sobretudo quando apresentam a figura do ouvinte como o principal causador de risos. Para ser surdo não basta apenas não ouvir, é preciso defender uma ideologia.

O PATINHO SURDO E A CINDERELA SURDA: A LITERATURA REVELANDO A VIDA E A SURDEZ

Aqui nesta seção, serão analisadas duas obras literárias que foram adaptadas para a cultura surda. Serão analisados o Patinho Surdo e a Cinderela Surda, ambas bem utilizadas nas escolas de surdos e em Universidades do curso de Libras. Ao ressaltar a surdez como um fator distintivo e não excludente a história auxilia a criança no processo de reconhecimento identitário.

O livro patinho surdo foi escrito por dois autores considerados precursores da literatura surda, Fabiano Rosa e Lodernir Karnopp e teve sua publicação realizada no ano de 2011 pela editora ULBRA. O conto narra a história de um patinho surdo, que se sentia diferente em meio aos demais irmãos, no entanto ele não conseguia reconhecer a sua diferença, isso levava o pobre patinho a viver isolado e infeliz. O Patinho da história acaba ilustrando a realidade vivida por muitos que possuem a surdez como fator distintivo.

A história começa a partir do momento que a mãe pata coloca um ovo no ninho de cisnes ouvintes. Após seu nascimento, o patinho começou a observar que não era igual aos que ele acreditava serem seus irmãos e começa a se perguntar o que havia

de errado com ele. O cisne que ele acreditava ser sua mãe tentou por muitas vezes fazer com que o patinho oralizasse, mas a mamãe cisne não obteve muito sucesso. Esta passagem da história, deixa explícito o poder que impera sobre a oralização dentro da família de ouvintes com filho surdo, pois mesmo o cisne não sendo sua mãe biológica, percebendo que não conseguia se comunicar tentou fazer com que ele oralizasse. Isso reafirma o que muitos indivíduos passam no âmbito familiar, quando os pais obrigam o filho surdo a oralizar, desrespeitando, desta forma a língua e cultura do surdo.

Em outra passagem da história, mostra o momento em que ele encontra uma família de patos que estava muito feliz e se comunicava em língua de sinais. Esse trecho da história demonstra o quanto é importante que os surdos tenham comunicação com seus iguais, pois isso vai ajudá-los na construção de sua identidade e possibilita compartilhar novas experiências. Na história, o patinho finalmente viu-se representado pela aquela família de patinhos e, de volta ao seu lar, junto com os cisnes, ele se questionou se fazia parte ou não daquela família. É assim também que muitos surdos se sentem quando começam a ter uma convivência com seus iguais, pois por muitas vezes eles não tem esse contato com essas pessoas e acreditam que estão totalmente desconectados do mundo, até que descobrem um universo que os representa. Isso ocorre porque as famílias os impedem muitas vezes de terem contato com a sua cultura e eles ficam presos a uma cultura que eles não se reconhecem e quando começam a conviver em ambientes onde estão seus iguais começam a se questionar se sobre a sua realidade e pensar se ali realmente é o seu lugar.

Na passagem seguinte da narrativa, o patinho retorna ao lugar onde viu a família com quem se havia identificado e foi muito bem recebido. A mãe pato então resolveu contar a real história do patinho e ele ficou muito surpreso com o que ela lhe falou. Depois de uma longa conversa entre as famílias, com a ajuda de um sapo intérprete, tudo ficou esclarecido e as famílias ficaram muito felizes com o desenrolar da história e todos passaram a viver em harmonia. Essa passagem demonstra o quão é importante para esses indivíduos estarem também inseridos em sua própria comunidade e de como os intérpretes são importantes para que haja uma comunicação entre ambas as partes, neste caso, o “ouvinte” e o “surdo”.

Esta presente adaptação do patinho surdo vem mostrar uma intertextualidade com o conto do patinho feio que é bastante conhecido entre os ouvintes. Segundo Mourão, (2012) essa experiência consiste na:

[...] adaptação de histórias ou de contos de fadas que existem há anos. Em todos esses livros, os personagens principais são surdos e o enredo da história tem transformações para se adaptar a cultura surda. Os autores destes livros, conhecendo os clássicos da literatura infantil mundial e seu valor realizam adaptação para a cultura surda, de forma que o discurso traga representações sobre os surdos. (2012, p.3)

É notória a diferença existente entre a história original e a história que foi adaptada para a cultura surda. Mas também nas duas histórias estão presentes alguns conflitos que são bastante dolorosos para esses indivíduos. No conto original, o pato sente bastante diferente e aborrecido por sua condição física, pois era considerado feio (diferente) por seus irmãos, no reconto o patinho surdo consegue encontrar seus iguais e a partir daí passa a comunicar-se e desenvolver-se em uma língua feita e pensada para ele. Na história que foi adaptada o conflito parte da (não) identificação e está relacionado com a “surdez”. Pode – se perceber que ambas as histórias são bastante interessantes para os leitores de diferentes públicos. As histórias que foram adaptadas para a cultura surda além de trazer um benefício enorme de reconhecimento dos indivíduos surdos dentro de uma sociedade, que é em sua maioria ouvinte, traz histórias que são vivenciadas por esses indivíduos surdos diariamente.

No caso dessa história do patinho surdo, ela veio trazendo muitas questões em seu enredo que são vividas por muitos surdos. Nessa história especificamente, uma questão bastante clara é a (não) identificação de sua identidade. Assim

como o patinho que não se identificava com aquela família, alguns surdos não se identificam dentro de um determinado grupo e muitas vezes dentro da própria família. A questão da oralização também é muito forte na narrativa e é comumente vivido pelos surdos na vida real. Muitos pais por não aceitarem a surdez dos filhos lhes impõem a oralização para que assim possam se sentir confortados com a ideia de que seus filhos também podem falar.

A história também apresenta a busca incessante do surdo pela sua identidade, ilustrando o primeiro encontro com a cultura surda e a importância do intérprete que vai auxiliar a comunicação e mediar este primeiro contato entre os ouvintes e os surdos. A invisibilidade e a indiferença da sociedade ouvinte também são ilustrado na fábula, o surdo muitas vezes torna-se imperceptível em um mundo feito para os que ouvem. Outro fator importante nessa adaptação é a ilustração, desenhos coloridos e mostrando a utilização da língua de sinais, possibilitam a identificação da criança surda com o contexto da narrativa, pois sabe-se que os surdos são mais visuais. Esse cuidado que foi

tomado com as adaptações, serviu para incentivar outros surdos a criarem e a divulgarem suas próprias histórias.

Por fim, esse conto apresentou de maneira lúdica, muitas situações que os surdos vivem diariamente, ressaltando e divulgando a cultura surda de maneira a esclarecer a importância do respeito às diferenças. Hoje com essas publicações, a cultura surda se fortalece e conscientizam outros surdos de que eles podem e devem ser criadores de suas histórias e trajetória.

Assim como o patinho surdo, essa história também foi adaptada para a cultura surda. Cinderela foi a primeira história infantil que foi adaptada e escrita na Língua Brasileira de Sinais e na escrita (signswriting). Como o patinho surdo, essa obra literária também foi escrita pelos mesmos autores Fabiano Rosa, Lodernir Karnopp e Carolina Hessel Silveira. Essa literatura infantil adaptada teve sua publicação realizada no ano de 2003 e foi adaptada do clássico Cinderela muito conhecida entre os ouvintes. A diferença entre esses dois clássicos é que o foco da Cinderela Surda está direcionado com a questão da Identidade Surda, com a Cultura Surda e a Língua de Sinais.

O conto adaptado, diferentemente do clássico Cinderela que é conhecida mundialmente, os personagens principais do livro são surdos. Nessa adaptação, o príncipe e a Cinderela também são surdos. Isso traz um novo olhar para a história, tanto para os surdos, porque se vem representados em uma obra literária, como para os ouvintes, que passam a ver a história de um outro ponto de vista, pois passa a se ver no lugar do outro que para ele é visto como o “diferente”.

Assim como na história original, a Cinderela Surda vive com sua madrasta e com as duas filhas delas, que a tratam muito mal. A madrasta e suas filhas não sabem Libras e ambas humilham a Cinderela a todo instante. Cinderela é tratada como se fosse a empregada da casa e não como um membro da família. Como na narrativa original, também haverá um baile onde o príncipe convoca todas as moças para participarem, no caso da adaptação o príncipe é surdo. Cinderela consegue ir ao baile com a ajuda de uma fada madrinha que deixa Cinderela preparada para a festa.

Chegando ao baile a madrasta e suas filhas não reconhecem Cinderela. O príncipe convida Cinderela para uma dança e diferentemente da história original, Cinderela não esquece os sapatos, mas sim uma luva rosa. Essa passagem da adaptação da Cinderela Surda é o ápice do conto, pois chama bastante a atenção dos surdos e também dos ouvintes, que vem a troca dos sapatos pela luva como uma nova possibilidade de recontar a história.

A história continua com a busca do príncipe ao encontro daquela moça que o deixou encantado. Após muito procurar pela sua princesa, finalmente ele encontra a sua casa. Mas a Cinderela não o viu, porque estava fazendo como de costume, limpando a cozinha. Nesse momento sua madrasta tenta a todo custo oferecer suas filhas como as donas da luva. Cinderela por um acaso passa na sala onde está o príncipe e finalmente ele encontra sua amada. Nesse momento da história pode-se perceber a questão da identificação também, pois a Cinderela se identificou com o príncipe, porque ambos são surdos.

Essa versão adaptada contribuiu para melhorar a auto-estima dos indivíduos surdos, principalmente as crianças surdas, pois elas se viram representadas na história, percebendo que elas também poderiam ser aquela Cinderela ou o príncipe. A perda da luva e não dos sapatos, traz um referencial marcante para os indivíduos surdos, pois a história desejou trazer de um modo lúdico, o que realmente a luva naquele instante veio representar. A luva veio fortalecer a luta que eles sempre tiveram para serem reconhecidos, para verem sua cultura se perpetuar e ser apreciada por todos e deixa claro a importância da Língua de Sinais, pois é por intermédio das mãos que os surdos se comunicam.

O conto também traz por meio da história o que é vivido por muitos indivíduos surdos que é a questão da identidade surda. Cinderela além de ser maltratada pela madrasta e suas filhas, era impedida de utilizar sua própria língua, pois nem a madrasta e nem as filhas sabiam a língua de sinais. Isso mostra o que muitos indivíduos surdos vivem hoje, pois muitos sabem a língua de sinais, mas são proibidos de utilizar, muitas vezes pela própria família, que insiste que eles oralizem. Essa imposição feita pela família, só vem a contribuir para que os surdos percebam que é importante que eles tenham uma convivência com a comunidade surda, onde eles vão poder compartilhar e trocar experiências, e exercer sua língua livremente além de esta interagindo socialmente.

Em suma as duas histórias aqui apresentadas, trouxeram uma contribuição para a sociedade em geral, pois por intermédio dessas literaturas é possível conhecer uma nova cultura, que até então era ignorada pelos “ouvintes”. Essas adaptações mostram que é possível sim, fazer a comunicação utilizando as mãos, pois é por meio delas que o surdo transmite a sua mensagem e faz com que sua cultura se perpetue em muitos lugares, onde há alguns anos isso não seria possível. Essas obras literárias contribuíram

para que os surdos se sentissem mais confiantes e os ajudaram a estar inseridos de forma igualitária na sociedade.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem. Ciência e Cultura.** 24 (9): 803-809, set, 1972.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos V)

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas e pensamentos/ Michel Foucault:** organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta: Trad. Elisa Monteiro- 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2005.

GAVA, Águida Aparecida. **Breves considerações sobre a literatura surda.** In: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/viewFile/27945/15015> . Acesso em: 30/09/2016.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda. EDT. Educação Temática Digital**, v. 7, p. 2, 2006.

LIOLI, Amanda; MOREIRA, Catherine. Poesia A voz. In: <https://culturasurda.net/2016/08/04/voz/> Acesso em: 30/09/2016

NÓBREGA, Áulio. **Poesia Mão Liberdade.** In: <https://culturasurda.net/2013/01/05/mao-liberdade/> . Acesso em: 30/09/2016

OLIVEIRA, Carmem; BOLDO, Jaqueline. **A Cigarra Surda e as Formigas.** Erechim: Corag, s.d.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete.** Campinas: Unicamp, 2005, Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Patinho Surdo.** Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a história, a vida, o exterior/ Roberto Corrêa dos Santos.** Belo Horizonte: Ed, UFMG, 1999

SKLIAR, Carlos (org.) **A Surdez: um olhar sobre a diferença Mediação.** Porto Alegre: 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura do surdo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

QUADROS, Ronice Müller. **Estudos de línguas de sinais: uma entrevista com Ronice Müller de Quadros**. ReVEL, vol. 10, n. 19, 2012.

WRIGLEY, O. **The politics of Deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.